

PT é acusado da prática de medicina eleitoreira

O programa Saúde em Casa chegou a Planaltina no dia 22 de julho do ano passado. No discurso de inauguração, o governador Cristovam Buarque disse: "Não esqueçam. Nas próximas eleições, é saúde em casa e voto na urna". Falou em meio a uma platéia de moradores da Vila Roriz, que leva o nome de seu principal adversário na disputa pelo cargo de próximo governador do Distrito Federal — o ex-governador Joaquim Roriz (PMDB).

Discursos como esse dão margem a acusações de que o Saúde em Casa, da forma como foi implantado, é

um programa eleitoreiro. O deputado distrital Peniel Pacheco (PSDB) já assumiu publicamente essa denúncia. Embora reconheça as qualidades do programa, acha que o governo está usando esse projeto apenas para se promover politicamente. "Sou a favor do programa, mas ele não está sendo executado de forma transparente. Só quero evitar que o Saúde em Casa se transforme no *Política de Casa em Casa*", critica Peniel.

Ele diz ainda que integrantes do programa estão usando as reuniões das equipes para difamá-lo. "Fiz

apenas um pedido de informações e já recebi inúmeros telefonemas e cartas perguntando porque eu queria acabar com o programa. Isso é um absurdo", reage, indignado.

A secretária de Saúde, Maria José Maninha, prefere ignorar as acusações. "Para a oposição, qualquer programa que atinge a população e dá resultado em um ano de campanha é eleitoreiro. Queremos garantir a qualidade da saúde da população. Se isso se traduz em votos, é porque as pessoas reconhecem o trabalho que vem sendo feito", diz Maninha.

POPULARIDADE

Uma pesquisa realizada em Santa Maria, primeira cidade onde o programa foi implantado, revela a preocupação do governo em carimbar o projeto. Dos 340 entrevistados em dezembro de 1997, 94,5% disseram saber que o Saúde em Casa é uma iniciativa do governo popular e democrático, mas até do que os 83,5% que reconheceram que o programa está ajudando a melhorar a saúde dos moradores da cidade.

Outra acusação de Peniel diz respeito aos critérios de contratação dos médicos para o programa.

Enquanto a experiência profissional do candidato é medida em três pontos, a entrevista vale sete. "Fica evidenciada a subjetividade na avaliação. Na verdade, eles querem transformar médicos e enfermeiros em cabos eleitorais", acusa o deputado.

O coordenador do Saúde em Casa, Antônio Alves, explica que a entrevista vale mais pontos porque avalia o perfil do médico e sua disposição para o trabalho. "Até hoje não houve uma só denúncia de beneficiamento por questões políticas que fosse comprovada", contesta.